

LINGUAGEM EM QUESTÃO

Prof. Silvino Santin *

RESUMO

A comunidade humana vive, hoje, um momento que, para muitos, caracteriza-se por um espírito de diálogo e de ampla comunicação, mas há, em diversos setores da sociedade, uma consciência de que, realmente, os diálogos são frustrantes e a comunicação reduz-se, em última análise, a sofisticados meios de informação. Diante disto a reflexão filosófica questiona a própria dinâmica da linguagem, não apenas enquanto instrumento, mas, e especialmente, como força criadora e instauradora de expressividade significadora.

* Professor Visitante da UFSM, docente do Curso de Pós-Graduação em Filosofia.

As épocas da história caracterizam-se pelas idéias que e las encarnem. No domínio da cultura e da história contemporâneas, diversos pensadores julgaram poder caracterizar nosso século como o século da linguagem, da palavra, da comunicação e do diálogo. Sem dúvida vivemos numa época em que a linguagem se reveste de uma im portância preponderante. Sentimo-nos mergulhados numa reflexão que não pode se desenvolver sem uma atenção especial com a palavra, pa ra considerar-lhe o poder de expressão e para meditar as repercus sões de sua presença. Os meios de comunicação constituíram-se e de desenvolvem-se sobre montanhas de palavras e de discursos. Não pode mos escapar, queiramos ou não, nem da influência da palavra, nem das questões que a acompanham. Percebemos, assim, segundo a pala vra de Noel Mouloud, que "o problema da linguagem se encontra im plícita ou explicitamente no centro das reflexões contemporâneas."¹

Na verdade, as ciências do espírito, como também as ciên cias naturais, realizaram, nesses últimos anos, no campo da lingua gem, esforços gigantescos e pesquisas vigorosas para encontrar, tal vez, alguma dimensão que o homem perdeu. Entretanto, se de um lado as análises da questão da linguagem aumentaram, de outro lado a questão da linguagem não representa uma originalidade do homem con temporâneo. A primeira palavra inaugurou a longa série das ques tões sobre a linguagem, ainda que, somente e talvez, sob a forma do espanto que acompanha o primeiro vocábulo, ou envoltas na satis fação de uma primeira frase. Assim, se o século vinte pode ser ca racterizado como o século da palavra é, talvez, não porque se inau gurou a questão da linguagem, nem porque se articulam discursos per feitos ou intermináveis, mas porque a questão ou, melhor, as ques tões da linguagem são relançadas, reformuladas e aprofundadas. Não é a presença ou onipresença da palavra que nos distingue de outras épocas, mas a maneira dessa presença languageira. É porque, hoje, na palavra se espelha o homem e todo seu universo humano. É porque, hoje, descobriu-se que a palavra nada oculta e, paradoxalmente, tu do pode ocultar. A palavra escuta, fala, responde. A palavra simbo liza, sacraliza, desmitifica. A palavra é hierofania, é iconoclas tia. A palavra é simulacro, é verdade. A palavra é o homem.

A imensa avalanche de literaturas sobre a linguagem, que invadiram o nosso século, testemunha a presença da preocupação cres cente frente à linguagem e às questões que a acompanham. A lingua gem é uma questão que não pode andar só; ela é apenas um lado da medalha. As questões do homem constituem a outra face. A questão da linguagem é a questão do homem. A palavra acompanha o homem, e o homem está na palavra. Assim, pode-se dizer que, a questão da lin

guagem é tão antiga quanto a questão do homem; tão profunda e primordial quanto a questão do ser. Não causa, portanto, nenhuma estranheza para o estudioso, a descoberta pré-histórica da preocupação com a palavra. A palavra foi, em todos os tempos, o fio condutor que nos possibilitou a descoberta de um mundo esquecido ou escondido. A palavra nos dá o poder de descrever o presente, de prever o futuro e de revitalizar o passado. A palavra nos possibilita penetrar os mundos da intersubjetividade e fugir dos solipsismos. A palavra nos defende e nos trai. A palavra pode nos abrir para o diálogo ou nos enclausurar em solilóquios e monólogos impositivos. A palavra nos torna transparentes e nos mascara. A história humana é tecida pelos poderosos e delicados fios da palavra e do discurso. É, sem dúvida, essa potência, ao mesmo tempo, silenciosa e ruidosa da palavra, libertadora e escravizadora, que despertou, no homem contemporâneo, a inquietude e o desejo de penetrar profundamente os segredos e os mistérios da palavra, isto é do Homem e do Ser.

A reflexão dos problemas, que envolveram o universo cultural contemporâneo, revela que está invadido pela linguagem, uma linguagem que se introduz no campo das pesquisas, de maneira tal que não se pode mais pensar em pesquisas sem o material e a dinamicidade da linguagem. Essa linguagem é vista, especialmente pelas ciências exatas, como instrumento ou meio de pesquisa. Nas ciências do espírito, a linguagem ultrapassa a dimensão instrumental, para tornar-se objeto da mesma pesquisa ou, mais precisamente, para tornar-se, ela mesma questão. Essa mesma linguagem organiza uma diversidade de discursos, capaz de desencadear as mais diferentes consequências em todos os domínios da vida humana. Já os pré-socráticos diziam que a palavra, dotada de um corpo ínfimo, tinha uma potência irresistível, capaz de provocar as mais diversas reações.² Com isto observa-se que, a palavra desperta as mais diferentes reflexões e as mais diversas conclusões. De qualquer maneira a reflexão da linguagem se desenvolve, cresce e invade o nosso mundo.

Diante do crescimento da reflexão sobre a linguagem, podemos, inicialmente, nos interrogar se tal reflexão representa um sucesso ou um fracasso de nossa civilização. A resposta não é fácil ou, no mínimo, não é assim tão fácil quanto parece à primeira vista. Pode-se tentar um diagnóstico buscando constatar a maneira da presença da palavra e as suas articulações. Vejamos. A presença quase onipresente dos meios de comunicação, desde o mais simples até o mais sofisticado, habituou-nos a crer que a palavra é a nova forma mágica para resolver todos os conflitos. Os meios de comunicação nos levaram a acreditar que estamos numa virada da histó

ria, que abre em direção ao campo da palavra clara, reveladora, verdadeira, capaz de colocar tudo em comum e de aproximar-nos uns dos outros. Temos a impressão de tudo saber e de saber a verdade. Assim, a palavra tornar-se-ia a força capaz de reintegrar os homens no paraíso perdido. Entretanto, nem sempre os fatos correspondem às palavras e aos discursos. Atrás do grande número de palavras, de debates, de conferências, de explicações, de discursos, de esclarecimentos, constatam-se fracassos decepcionantes: a máscara, a mentira, a inverdade, as ilusões. E tudo isto passa despercebido à maior parte dos homens, diante da onipresente palavra informativa, pensa-se que a verdade brilha. A quantidade de discursos, contudo, não garante a verdade. Talvez, aconteça, o contrário. A quantidade de discursos pode significar a ausência do verdadeiro. Assim como em jurisprudência o número de leis faz supor o aperfeiçoamento da justiça, mas é possível a conclusão contrária, a quantidade de leis revelaria, exatamente a falência da justiça.

Realmente, uma análise atenta nos ensina descobrir, sob a vaga dos discursos e sob o véu verbal de aparências, uma nova Torre de Babel. Atrás da invasão do palavreado, está, não o homem, mas a máscara do homem, o homem que se outorgou o poder de dominar a palavra, e que dela fez uma "potência de erro", uma oficina de simulacros. Atrás das belas palavras jaz o veneno da insídia. A palavra, nesse contexto, já não é mais a reveladora de verdade, mas o simulacro de interesses e de sofismas ideológicos. A sociedade fez da palavra uma potência de tagaralices (bavardage), e uma fonte de ilusões. O indivíduo fez da palavra uma máscara, sob a qual esconde-se sua verdadeira identidade, que se torna o universo da psicanálise. A linguagem pode criar, deste modo, um universo ilusório; pode construir uma barreira entre nós e o mundo; pode isolar-nos dos outros e, ainda, pode desencadear uma cisão em nosso mundo pessoal. Merleau-Ponty escreve que a linguagem interpõe-se entre nós e as coisas ou entre nós e o passado, como uma tela.³ O mundo da expressão constitui-se em um véu de palavras, e mesmo num palavreado, que impedem as coisas falarem e a verdade manifestar-se. M. Foucault, por sua vez, descobre os universos subterrâneos da palavra. As suas arqueologias, nada mais são do que escavações atenciosas nos labirintos dos discursos, bem ou mal camuflados, para encontrar a voz da palavra falante; para extrair das diversas camadas de discursos sobrepostos os significados manifestos ou latentes, mas todos eloquentes e audíveis.

Toda essa sonoridade languageira de nosso tempo dá-nos a impressão de que participamos da vida do universo, jamais, quanto hoje, o homem se julga presente em toda parte. O homem pensa parti

cipar de tudo; o mundo tornou-se familiar. O homem pensa ter escapado definitivamente do perigo de tornar-se uma ilha, porque vê tudo e porque tudo escuta. Na realidade, tal certeza pode ser uma ilusão terrível, pois a palavra pode nos isolar à medida que esta é controlada, dirigida, manipulada, censurada. E isto deve ser compreendido, não só ao nível do social, mas, também, ao nível do individual; na medida em que eu reprimo e escondo meus sentimentos e idéias. Precisamos, ainda, estender essa manipulação indébita da palavra ao nível das ideologias, ao nível das instituições, ao nível dos costumes, das conveniências e dos tabus. Os controles da palavra, sem dúvida, obedecem uma série de exigências ritualísticas ideológicas e culturais. Em tudo isto, o mais grave perigo consiste na crença de que estamos sendo bem informados, verdadeiramente informados; e de que informamos corretamente. Diante disto a linguagem pode arrastar nos a uma dupla ilusão: aquela, em que acreditamos participar de todos os acontecimentos da vida do mundo; e aquela, em que nos convencemos de que isto é verdadeiro. Em duas palavras, essa participação é ilusória e nós não o sabemos. O que agrava a situação é o fato de que a própria dinâmica da palavra invasora nos garante de maneira a afastar toda dúvida, e a nos deixar sem a menor possibilidade de duvidar.

Uma nova exigência se impõe ao desencadeamento das questões da linguagem, o despertar da consciência. É necessário, sem dúvida, uma consciência crítica, um olhar atento, um ouvido agudo, uma observação perspicaz, para saber descobrir o silêncio que habita a palavra e que está misturado no discurso a fim de que a verdade se desvele dentro da paisagem original; para descobrir discursos no discurso. Falta-nos coragem e perspicácia galileanas para que, em meio a todas as formulações geocêntricas sejamos capazes de descobrir e desenvolver discursos heliocêntricos, isto é, em meio aos falatórios de ilusões vazias e de sonoridades estéreis, sejamos capazes de um falar da verdade originária e da força vital criadora. Não se trata, portanto, de ficar na superfície das questões da línguagem e de ultrapassá-las, a fim de descobrir nelas todas as dimensões antropológicas e, por fim, descobrir que a própria linguagem é questão ⁴. Percebe-se, então, que não é possível dominar a línguagem, ao contrário, ela permanece livre mesmo quando se tenta dominála; ela foge entre os dedos da mão que a aperta. Ela se esconde no silêncio. Ela não é, em nenuum momento, totalmente calada, jamais a pagada. E, paradoxalmente, a palavra se enriquece de eloquência, com a mesma força que quer eliminá-la. Sua esteira permanece sempre falante. O deserto nunca é suficientemente silencioso ou desértico para evitar que o eco da palavra deixe de ressoar para um ouvido aten

to. Os porões nunca são tão herméticos que não deixem entrar um raio de luz para torná-los visíveis e falantes. Os segredos não são suficientemente secretos para impedir a irreverência da expressividade da palavra que os penetra. A verdade não é, jamais, suficientemente encoberta pelos argumentos discursivos para uma consciência acordada. Assim, é indo além do primeiro olhar sobre o proceder do homem contemporâneo a respeito da linguagem, que nós poderemos entrar nestas questões. A maneira de formular a abordagem da linguagem, hoje, já é um caminho para se compreender a questão da linguagem. Assim como a análise da linguagem nos revela uma linguagem em questão, da mesma maneira a impossibilidade de dominar a palavra nos revela seu poder.

A linguagem não é uma questão isolada. Ela não pode ser estudada sem que sejamos arrastados para um mundo de questões de toda ordem. Os desacordos, as diferenças não se dão somente entre povos que falam diferentes línguas, nem tão pouco, entre as diversas camadas da sociedade, que se exprimem através de uma infinidade de dialetos e línguas, mas no seio das próprias estruturas de línguas. Encontramos a linguagem dos pobres, e aquela dos ricos; a linguagem dos políticos e aquela do economista; a linguagem do ateu e aquela do crente; a linguagem do criminoso, do marginal, ao lado da linguagem do psicólogo e do sábio; a linguagem do poeta e aquela do cientista; enfim a linguagem dos jovens, dos velhos, dos doentes, dos loucos, das crianças, etc. Percebemos, assim, que a palavra possui uma gama estrutural ilimitada, dependendo do contexto onde emerge. A especialização das atividades intelectuais, a divisão das funções e das atividades sociais e profissionais abriram a possibilidade e desenvolveram terminologias próprias, agenciando códigos restritos que, às vezes, isolam as pessoas em seus setores de atividades e as incapacitam ao diálogo. Bloqueados por uma estrutura de linguagem hermética, tornam-se solipsistas e cultores de monólogos impositivos. Para que surja, já não digo o diálogo que é uma exigência maior, mas a possibilidade do debate, é preciso arrancar tais especialistas de sua própria linguagem, de seus jargões monolíticos, para que possam ouvir o som e as melodias de outras palavras, as palavras da linguagem comum, da linguagem do humano.⁵

No mundo das questões da linguagem, hoje, fala-se de uma metalinguagem ou de uma língua universal. A criação de tal língua seria exigida pela nossa época, uma época dominada pelas divergências de ideologias, mas unificada pelo domínio da máquina e da técnica. Assim, uma língua científica solucionaria o problema. Tudo deve seguir as leis e os princípios das ciências naturais; a língua

universal deve inspirar-se no funcionamento dos cérebros eletrônicos, das máquinas de traduzir e de calcular. Surge a outra face da questão. Tal língua das ciências ou metalinguagem será conforme à existência humana? Será ela expressiva para o homem? Ou o homem tornar-se-á uma máquina de calcular ou de traduzir? Aqui está uma porta de acesso ao universo das possíveis soluções das questões da linguagem. Henri Lefebvre diz que tal metalinguagem não seria falada pelo homem senão acidentalmente; e ele insiste dizendo que semelhante linguagem não poderia ser "falada com os lábios, com a boca humana, com o sopro".⁶ Na realidade uma metalinguagem não corresponde a nenhuma das línguas efetivamente faladas nas sociedades históricas. Neste caso teríamos apenas uma linguagem instrumento, objeto, desencarnada e transistórica.

A linguagem do homem nasce do homem, de sua existência e de sua coexistência. A linguagem não é pré-fabricada, ela emerge do mundo vivido. Emmanuel Levinas traça, de uma maneira muito significativa, as características fundamentais da linguagem humana dizendo que ela se constitui em

*"discurso que não é desdobramento de uma lógica interna pré-fabricada, mas constituição de verdade numa luta entre pensadores, com todas as alternativas da liberdade"*⁷.

Qual é a solução? A solução não é, se faz. Se faz na verdade da palavra, que é a verdade do homem. A verdade do homem articula-se no interior fecundo do discurso e na dinâmica da reflexão do fenômeno da linguagem, isto é a linguagem compreendida no conjunto de todas as questões e de todas as dimensões do homem. Não existe uma solução válida se ela não emergir de uma visão global do homem. A solução começa a ser feita quando a linguagem se compõe de duas direções, da palavra que fala e da palavra que escuta; da palavra que interroga e da palavra que responde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MOULOU, Noel. Les Signes et leur interprétation. Introdução p.5
2. MONDOLFO, Rodolfo. Les Pré-socratiques. p. 32.
3. MERLEAU-PONTY, Maurice. Le Visible et L'Invisible. p. 166.
4. LEFEBVRE, Henri. Le Langage et La Société. p. 9 ss.
5. Id. ibid. p. 10
6. Id. ibid. p. 14
7. LEVINAS, Emmanuel. Totalité et Infini. p. 45.

BIBLIOGRAFIA - LINGUAGEM EM QUESTÃO

1. LEFEBVRE, Henri. LE LANGAGE ET LA SOCIÉTÉ. Paris, Minuit, 1969, 285p.
2. MERLEAU-PONTY, Maurice. LE VISIBLE ET L'INVISIBLE. Paris, Gallimard p. 970, 347 p.
3. LEVINAS, Emmanuel. Totalité et Infini. Louvain, Martinus Nijhoff, 1971, 284 p.
4. MOULOU, Noel. LES SIGNES ET LEUR INTERPRÉTATION. Paris, Aubier, 1968, 173 p.
5. MONDOLFO, Rodolfo, LES PRESOCRATIQUES. Paris, Payot, 1959, 297 p.

